

O SUJEITO AMOROSO EM VINICIUS DE MORAES: DE UM GOZO MÍSTICO A UM GOZO FÁLICO

Ivana Ferigolo©

RESUMO®

Neste artigo analisar-se-á alguns sonetos de amor de Vinicius de Moraes- escritor pertencente ao modernismo - a fim de mostrar que o gozo do sujeito amoroso de Vinicius defini-se de forma variável: hora goza em uma perspectiva mística, moral, movido pela ação do superego, hora goza falicamente através da liberação do conteúdo instintivo. Nessa perspectiva, ao longo deste artigo é defendido o pressuposto de que tal variabilidade de gozo ocorre devido à inversão de valores sociais ocasionada pelo cientificismo que se refletia literariamente no movimento modernista.

PALAVRAS-CHAVE: amor, gozo místico, gozo fálico

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo mostrar que o sujeito amoroso presente na produção poética amorosa de Vinicius de Moraes apresenta-se de maneira variável, já que: ora se constitui de maneira angustiada, apegado à leis morais e religiosas que lhe sublimam o falo; ora transcende a moral e a religião e vai gozar no aspecto mais puro da constituição subjetiva do indivíduo enquanto ser humano (gozo fálico).

Objetiva-se, também, neste trabalho, explicar que as ocorrências destas variações de gozo estão diretamente ligadas ao campo do simbólico e, portanto, para a realização desta análise, utilizar-se-á a teoria psicanalítica baseada na opinião de Lacan, e outros teóricos que aparecerão no decorrer deste artigo.

1 Algumas considerações sobre Vinicius de Moraes

Vinicius de Moraes é um poeta cujas produções provém das idéias revolucionárias do modernismo, já que começa sua carreira poética por volta de 1933 com o livro de poesias **O caminho para a distância**, atingindo um auge literário por volta da década de 40. Assim, a questão do amor em Vinicius, acompanha as idéias culturais, sociais,

morais e religiosas - psicanaliticamente entes pertencentes ao simbólico - que constituíam o movimento modernista. Isso se deve ao fato de sua produção ter iniciado muito próximo à implantação oficial do modernismo no país. Da interação entre Vinicius e modernismo surgirá um sujeito amoroso instável e, de certa forma confuso, visto que este, como se verá a seguir, estará envolvido por um ambiente social marcado por uma inversão de valores ocasionada pelos ideais científicos e tecnológicos os quais mostravam o força do ser humano do ponto de vista racional.

2 No campo do simbólico

No começo do século XX, devido a forte evolução científica, a religião (até então um ente muito atuante no campo do simbólico) perdia força, à medida que os ideais modernistas ecoavam no mundo ocidental. Em consequência disso, o sujeito iniciava um processo de desprendimento das normas religiosas que, de certa maneira, até este momento, o determinavam.

A experiência do homem moderno é a de um sujeito que vive agudamente a fragmentação, a desvinculação, a dissolução dos vínculos convencionais herdados de outras épocas, em que estes vínculos ordenavam uma vida social integrada a partir dos centros fixos de autoridade (religiosa) e poder (temporal, político). No entanto o modelo da sociedade democrática, liberal substitui as experiências de agregação pela valorização da autonomia e da liberdade pessoal, regida por leis que emanam do próprio indivíduo. Desse modo o homem moderno sente profundamente o risco que correm simultaneamente, ele próprio e a sociedade, se os vínculos se esgarçam completamente e cada um torna-se completamente livre para dar a seu destino o rumo que bem entender. Assim o indivíduo apresenta-se livre, e seu sujeito pode e manifesta-se livremente. (Paraense, in:Gonçalves, 2000: 128)

Frente a essas considerações, observa-se que o cientificismo revolucionou o simbólico e, o

movimento modernista é que vai registrar no campo cultural essas transformações, já que:

começaram a ser lidos os futuristas italianos, os dadaístas e os surrealistas franceses (...). Já se fala da psicanálise de Freud, do relativismo de Einstein, do intuicionismo de Bérson. Chegam enfim os primeiros ecos da revolução russa, do anarquismo espanhol, do sindicalismo e do fascismo italiano. (Bosi, 1994: 305)

O modernismo brasileiro foi um movimento constituído basicamente a partir das idéias das vanguardas européias, cujas principais eram: futurismo, surrealismo, expressionismo, dadaísmo. Essas vanguardas traziam consigo as concepções do cientificismo e exaltavam a revolução tecnológica, e, conseqüentemente, apresentavam um posicionamento ideológico contrário à religiosidade ocidental. Dessa maneira, o futurismo se destacava pela exaltação tecnológica e científica, o dadaísmo pela negação de tudo o que servia de regra, cuja finalidade era manter a ordem do mundo, inclusive a arte; o surrealismo por um retorno ao primitivismo, ao mito, ou seja, uma volta as origens da constituição do ser humano, já que “buscava a emancipação do homem fora da lógica da razão da inteligência crítica, fora da família, da prática moral e da religião- o homem livre das suas relações psicológicas e culturais.(...). O homem primitivo, ainda não maculado pelo social”. (Brito, 1964: 164)

No início da implantação modernista, os precursores destas idéias formavam movimentos onde se buscava ordenar idéias novas que revolucionariam o campo sociocultural do Brasil dos anos XX. Uns opunham-se aos outros, porém acabavam refletindo suas idéias através da representação da letra (termo técnico da psicanálise). Todos mostravam a nova realidade simbólica que se refletia no sujeito proveniente da nova realidade científico - social. No Brasil o movimento do verde - amarelismo era, por exemplo, um dos movimentos que representava profundamente esses ideais os quais contradiziam as concepções humanísticas e religiosas que imperavam e garantiam a ordem social no cenário do ocidente até então. O verde-amarelismo:

prega o retorno ao primitivo, porém ao primitivo em estado de pureza – se assim se pode dizer- ou seja sem compromissos com a ordem social estabelecida: religião, política, economia. É a volta do primitivo, antes de suas ligações com a sociedade e cultura ocidental e européia. (Coutinho, 1968: 33)

Tais considerações a respeito do modernismo mostram que as novas idéias, ou melhor, um retorno ao primitivismo sondava o campo do simbólico no começo do século XX. Isso, como veremos, refletir-se-á no sujeito amoroso dos sonetos de Vinicius, já que para a psicanálise o sujeito faz transparecer na letra o sintoma. Esse sintoma é “ um efeito do simbólico no Real. (...)É essa invasão de Real no simbólico que vai estabelecer uma relação entre o ato analítico e o ato poético.” (Gonçalves, 1998 : 85)

Esse sujeito amoroso deve-se ao simbólico que envolvia o começo do século XX. Este era marcado por ideais primitivistas, os quais, segundo a psicanálise, podem ativar o sintoma do sujeito junto ao real e ao imaginário, fazendo este se refletir na letra, pois:

A instauração do registro simbólico no falante, (...) tem como concomitante a emergência da fantasia inconsciente fundamental (\$^~.... □). A fantasia é simbólica por excelência, pois o simbólico possui duas dimensões: na primeira signica, produz imaginário, produz sentido. Na segunda propriamente significante, o simbólico é o portador do não senso no Real. (Gonçalves, 1985: 84)

Levando em consideração a acepção de que simbólico e sujeito se relacionam de forma direta e, que essa relação facilita a manifestação do sintoma, se pode prever que o sujeito amoroso em Vinicius vai desprender-se da sublimação religiosa, social e moral e passará a gozar, na situação primitiva- fálica. Isso se verificará na análise de alguns sonetos de amor deste poeta, após uma descrição da relação existente entre literatura e psicanálise, e, ainda, levando em conta a inversão de valores (já comentada) registrada no campo do simbólico, a qual embasou o movimento modernista.

3 Literatura e psicanálise

Neste fragmento do trabalho, buscar-se-á mostrar a relação existente entre psicanálise e literatura, ou seja, almeja-se, apresentar a ligação travada entre a letra - enquanto representação do sujeito inconsciente- e a literatura a fim de que se possa analisar uma obra de arte ou literária, segundo a teoria psicanalítica.

Psicanaliticamente falando, todo o indivíduo humano vive numa constante busca, busca algo que lhe falta na sua constituição inconsciente.. Nessa busca, ao se deparar com o simbólico (leis, moral, cultura)- momento em que adquire a linguagem- o indivíduo sofre certas repressões que o levam a

autocensurar-se, ou seja, as leis do simbólico impedem que seus desejos primários (inconscientes) se realizem.

Tudo está ligado a ordem do simbólico, desde que há homens no mundo e que eles falam. E isso se transmite e tende a constituir-se, é uma imensa mensagem onde todo o Real é pouco a pouco retransplantado, recriado, refeito. A simbolização do Real tende a ser equivalente ao universo e os sujeitos não são ali mais do que relevos suportes. (Lacan, 1985: 33)

Essa referência de Lacan leva-nos a pensar que a partir do contato com o simbólico, o ser humano firma um compromisso com o meio, tendo que impedir que seus desejos primários guiem suas atitudes, comportamentos e ações, pois: “o simbólico, por conseguinte, é constituído pelas condições que regem e determinam as condições humanas”. (Gonçalves, 1985: 79-80)

A partir da consolidação das relações entre indivíduo e simbólico ocorre um choque entre os princípios do Real (conteúdo irracional, não pensável, essência do indivíduo), Imaginário (fantasias que o inconsciente cria a partir do outro) e simbólico (lei que pré-existe ao indivíduo). Dessa relação a qual entrelaça esses três componentes, surge um quarto componente subjetivo do indivíduo: o sintoma. O sintoma vai portar-se como o sujeito do inconsciente, aquele que transparecerá, para Lacan, na letra e para Freud, através do sonho. Na acepção Gonçalves: “o sintoma (...) vem indicar a possibilidade de articulação do sujeito com o registro”. (1985: 85)

Frente a tais considerações, percebe-se que, ao contatar com o simbólico, o sujeito registra uma perda, ou seja, a partir da aquisição da linguagem – marco da entrada do sujeito no campo do simbólico – os desejos do Real e as fantasias do Imaginário podem ser reprimidas pela ação do campo do Outro. Dessa maneira, os desejos do indivíduo, não podendo se realizar, passam a transparecer na linguagem – meio de o indivíduo expor o sintoma ou mostrar o que lhe perturba. Para Lacan: “o poeta dá testemunho de uma relação profunda do desejo com a linguagem, ao mesmo tempo que demonstra (...) até que ponto essa relação poética com o desejo se vê sempre dificultada, quando se trata da pintura de seu objeto.” (1970: 128)

Vale ressaltar também, que o sujeito do inconsciente - a partir do raciocínio desenvolvido até agora - é irracional já que provém da repressão do Real pelo Simbólico e, portanto Lacan o associa aos conceitos de enunciado e enunciação. Gonçalves,

afirma que: “A lingüística, em especial Jakobson estuda o sujeito do enunciado como aquele que se afirma numa frase, o sujeito gramatical que apresenta no nível da consciência a sua articulação.” (1985: 70)

Perante essa consideração, o sujeito do inconsciente não se articula através do enunciado, por ser este racional, e sim da enunciação- ação do inconsciente- já que para Gonçalves: “Lacan valoriza o processo da enunciação para demonstrar o sujeito do desejo (...) Para Lacan o sujeito não é aquele que pensa, mas aquele que surge como efeito da articulação do significante”. (1985: 77)

Assim, a partir de Lacan, a arte passa a representar o sintoma do sujeito, isto é, para Lacan, o sujeito está relacionado com a linguagem, e isso, proporciona o surgimento de uma teoria psicanalítica para se analisar a arte e, portanto, a literatura.

Embora tenha sido a partir de Lacan que se estruturou uma teoria psicanalítica para a análise da arte, quem ofereceu o subsídio a Lacan para esta conquista foi Freud a partir do discurso da análise do sonho. Para fazer uma associação das manifestações inconscientes (sintoma), com a linguagem, daí surgir um relacionamento entre literatura e psicanálise, Lacan aproveita-se do significante saussureano, reformulando-o, e substituindo os termos de autocensura que Freud utilizava, em seu livro **A Interpretação dos Sonhos**: condensação e deslocamento, pelos termos lingüísticos: metáfora e metonímia. De outra forma, a partir de Lacan, se pode analisar o ato poético como sendo proveniente das manifestações inconscientes, já que:

Em Jackes Lacan esta questão é acrescida da dimensão sintomática. Não é sem razão que ele define, depois de Freud, em capítulo da teoria das Neuroses, o símbolo como valor do sintoma que para ele, terá valor de verdade para o sujeito, relacionando-o, portanto com a escrita. (Mendonça, 1985: 258)

Na acepção de Lacan, o inconsciente, movido pelo desejo ocasionado pela falta de um objeto (a), traz a tona, através da linguagem-estrutura de representações- o sintoma. Como o sintoma pode ser causado pelo recalque, pelo desejo reprimido através da ação do campo do Outro, pode-se pensar, então, que o sintoma vem disfarçado na linguagem (autosensura do sujeito), sob a forma de metáfora e metonímia.

Lacan trata de metáfora porque o sintoma se realiza em outro plano, ocorre o salto de um significante a outro. Metonímia porque vários sintomas se condensam em um só.

A metonímia, em desejo, ela solve, a metáfora, enquanto essa coagula, ou quase, o movimento da primeira, num sintoma fiado que de novo se dissolve, por exigência da primeira, e assim por diante, repetidamente. A metonímia não é mais do que um salto, e a metáfora não é mais do que um recorte, isto é, pedaço recortado, ambas operam em um corte. MD. Magno, 1985: 17)

Desse modo, a psicanálise Lacaniana nos mostra que o caminho da análise literária consiste em se buscar dentro da obra o sintoma do sujeito- o qual vem censurado na forma metaforonímica- já que através da letra o sujeito pode expor seus desejos. Para MD. Magno:

A letra é o que designa a implicação do sujeito na estrutura da linguagem. Tomar a letra ao pé da letra é o mesmo que tomar o sujeito pela letra, digamos tomar a liberalização do sujeito. O sujeito é letrado. E o sujeito é letrado no que ao mesmo tempo toma emprestado a estrutura da linguagem e a ela empresta o suporte material do discurso. (1985: 5)

A partir dessa corrente analisar-se-á o sujeito amoroso na produção poética de Vinicius. O sujeito amoroso será considerado como sendo reflexo de um campo simbólico agitado por uma inversão de valores e que se manifesta subjetivamente através do discurso, pois segundo Gonçalves: “A descoberta Freudiana, o inconsciente- remete a questão do sujeito para o campo do discurso, para o problema da linguagem. Só ela será capaz de falar do vazio desse centro. O eu do enunciado já não será capaz de explicitar a verdade do sujeito.” (1997: 34)

4 Considerações sobre alguns sonetos de amor de Vinicius de Moraes

A questão do amor em Vinicius de Moraes percorre uma trajetória que passa de uma religiosidade e sentimentalismo, chegando a uma concepção de amor carnal, animalesco, típico de um sujeito amoroso em fase primitiva.

No **Soneto de Contrição**, o sujeito amoroso parece deleitar-se, gozar a partir de um amor místico. A invocação de Maria - símbolo de pureza na religião católica - sob a condição de mulher amada, proporciona ao sujeito amoroso a satisfação, ou seja, o sujeito busca o gozo na religiosidade. Em outras palavras, a religião (campo do simbólico), atua como um ente repressor do desejo fálico do sujeito. Na acepção de Gonçalves: “o dito gozo místico é um gozo inconsistente porque tem a pretensão de abolir os limites do fálico (é o que Lacan chamava de A

Mulher, o feminino na fórmula quântica da sexualização)”. (1987: 201)

Eu te amo Maria, eu te amo tanto
Que o meu peito me dói como em doença
E quanto mais me seja a dor intensa
Mais cresce na minha alma teu encanto
Como a criança que vagueia o canto
Ante o mistério da ampliação suspensa
Meu coração é um vago de acalanto
Berçando versos de saudade imensa
Não é maior o coração que ama
Nem melhor a presença que a saudade
Ó de te amar é divino e sentir calma
É calma tão feita de humildade
Que tão mais te soubesse pertencida
Menos seria eterno em tua vida
(Moraes, 1967: 26/27)

Na primeira estrofe do soneto, explanado acima, o sujeito está muito voltado para o amor de Maria, onde o deleite, o gozo, se dá num ato de sofrimento, pois na acepção religiosa, o amor material ou aquele somente impulsionado pelo fálico, deve ser substituído por um sentimentalismo, por uma veneração a um símbolo, ou seja, o amor místico pertence ao gozo encontrado no sacrifício. Consiste na recusa do falo e, o sujeito deve buscar a realização amorosa nos modelos divinos, os quais merecem sacrifícios por se enquadrarem nesta condição.

Nas demais estrofes, o amor é um sentimento movido pela saudade, pela humildade. O sujeito goza a partir dos dogmas religiosos, onde o amor é sentimento e, falo, é pecado. Dessa forma o gozo deste sujeito é postulado pelos dogmas da religião.. Para Bataille: “...a literatura é com efeito, o prolongamento das religiões. Ela é sua herdeira. O sacrifício é um romance, um conto, ilustrado de maneira sangrenta. O rito é bem a representação retomada em data fixa de um mito”. (1987:11)

Assim, o sujeito deste poema se expressa na forma de um sujeito medroso, que não tem força ou está subordinado a forças que o impedem de realizar seu desejo. Manifesta-se como sendo um sujeito muito apegado à religiosidade a qual atuava com força, no campo do simbólico até a chegada da revolução ocasionada pelos ideais do novo quadro social que se refletia através do modernismo. Dessa maneira, neste soneto, paira uma sublimação do falo do sujeito pela ação do simbólico, já que segundo Gonçalves: “o Outro é quem regula o desejo”. (1985: 45)

Desconectando-se, de certa forma, da religiosidade, o sujeito amoroso passa a gozar no sentimentalismo, mas não de forma mística. Goza em algo momentâneo e passageiro da vida. O amor é uma condição sublime, mas passageira, fugindo, um pouco, das condições da sublimação fálica imposta pela força da sociedade e pela religião católica. É o que se observa no **Soneto de Fidelidade**.

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento
Quero vive-lo em cada vão momento
E em seu louvor ei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao meu pesar ao meu contentamento
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama
Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.
(Moraes, 1967: 62/63)

Para este sujeito amoroso a morte deixa de ser a imortalização do amor, portanto o sujeito goza fora de certos princípios religiosos (campo do Outro), visto que para a religião católica a perfeição é obtida na outra vida, aquela que está reservada para aos puros. Nesse caso, o deleite do sujeito não é enriquecido pela visão de mortalidade, mas, ainda, encontra-se ligado ao simbólico, à acepção mística, pois o gozo provém de um amor sentimental. O desprendimento desse Outro (religião) se dá, somente, à medida que o amor não assume uma condição eterna, mas passageira.

Assim, o gozo deste sujeito tende, mas não se consolida, a uma concepção ligada à constituição do homem na condição viril, pois este não busca no amor a continuidade, o companheirismo, mas vive-o intensamente, sem compromisso, sem expectativas eternas, pois: "A fantasia erótica masculina é oposta à feminina. Se esta procura a continuidade, a intimidade e a vida em comum, a outra esforça-se por excluir o amor, os compromissos, os deveres, a própria vida social." (Alberoni, 1956: 51)

Esse sujeito amoroso está ligado ao campo do simbólico do período modernista onde, como já se mencionou, as idéias vanguardistas, como as surrealistas, buscavam resgatar o homem na sua condição primitiva, ou seja, onde o desejo se manifesta pelo desejo proveniente da sua constituição subjetiva. Na opinião de Bosi: "Falando

de um modo genérico, é a sedução do irracionalismo, como atitude existencial e estética, que dá o tom aos novos grupos ditos modernistas". (1994: 305)

O amor irracional, carnal, instintivo, típico do homem primitivo, liberto da religião e dos valores sociais vem a tona no **soneto de Devoção e no de Amor Total**.

Essa mulher que se arremessa
Fria e lúbrica em meus braços
E nos seios me arrebatava me beija e balbucia
Versos, votos de amor e nomes feios (...)
Essa mulher é um mundo, uma cadela
talvez- mas na moldura de uma cama
Nunca mulher nenhuma foi tão bela.
(Moraes, 1967: 22/23)

Neste momento, o gozo do sujeito amoroso é encontrado no corpo da mulher, na mais pura condição carnal, não há sublimação mística, nem imposta pelo meio social, do desejo, sendo esse gozo, então, um efeito do falo. É em uma cadela que o sujeito amoroso encontra a satisfação, não imperando nem o místico, nem o sentimentalismo nem os valores sociais. De outra forma, esse sujeito goza a partir de um desejo que lhe é próprio, que faz parte da sua constituição inconsciente. Pode-se afirmar isso, pois de acordo com Bataille: "Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos falta. A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõem em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua." (1987: 18)

Estendendo a discussão, pode-se dizer que o gozo desse sujeito está na liberação do falo próprio do homem viril que goza em uma cadela, ou seja, recusa os defeitos e só vê as virtudes da mulher como sendo esta um objeto de desejo.

A liberdade do erotismo masculino pretende, ao contrário, recusar aquilo que é desagradável, que ofende, que irrita. Quer sempre ter o direito de poder escolher elogiar, recompensar quem lhe dá prazer e poder descartar, deixar de lado quem não lhe dá. Porém, se há alguma coisa naquela pessoa que lhe agrada, conserva. Mas isolada do resto. Daí a tentativa de separar o conjunto concreto da pessoa, com toda a sua complexidade e unidade em tantas partes. Porque também, uma pessoa má perigosa, ignóbil pode ser sexualmente atraente. E então o homem deseja separar esse aspecto dos outros, ficar apenas com a sexualidade. Colocar entre parênteses, tanto quanto

possível seus aspectos odiosos e valorizar, elevar a primeiro plano os positivos. (Alberoni, 1956: 53)

O sujeito amoroso encontra o gozo na realização do desejo primário, aquele que, na maioria das vezes, é sublimado pelo simbólico. Isso vai diretamente ao encontro, e consolida, os princípios do cientificismo e dos ideais surrealistas, futuristas, impressionistas, dadaístas que afloram e embasaram o movimento modernista.

A satisfação amorosa do sujeito é refletida através do inconsciente, sintoma de um indivíduo primitivo (surrealista) e não na condição de um ser social e religioso. Desse modo, o sujeito goza como um bicho, como se observa no **Soneto de Amor Total**.

Amo-te como um bicho simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Como um desejo maciço e permanente.
(Moraes, 1967: 98/99)

O amor na concepção animalesca, sem censura, sem sublimação flui neste poema, ou seja, as novas condições simbólicas que envolvem o sujeito permitem que o irracionalismo e o desejo carnal flua na sua condição fálica. As fantasias humanas vêm à tona, mostrando o desejo primitivo, sem compromissos morais, sociais e religiosos, já que os valores vanguardistas ecoavam e garantiam o gozo do sujeito através da condição primária. Tal afirmação se completa na aceção de Boarini, o qual afirma que: "El deseo se determina antes de la cristalización del cuerpo y de los organos, antes de la división de los sexos, antes de la ruptura entre el yo familiarizado y el campo social". (1998: 92)

CONCLUSÃO

Após as considerações feitas a respeito do sujeito amoroso presente nestes poemas de Vinicius, pertencentes ao livro de sonetos, percebe-se que o gozo deste sujeito perpassa da sublimação mística a um gozo carnal em uma condição primitiva, ou seja, vai aos poucos desprendendo-se do místico (religião) e dos dogmas morais e sociais atingindo, concretamente, um amor carnal.

Isso permite concluir-se que a inversão de valores já mencionada que sucedeu no período em que se consolidava o modernismo no Brasil, possibilitou a liberação do falo do sujeito, e este transpareceu de forma sintomática na temática amorosa de Vinicius de Moraes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, Francesco. **O EROTISMO- Fantasias e Realidades do Amor e da Sedução**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1986.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BOARINI, Vittorio. **Erotismo y Destrucción**. Madrid: Editorial Fundamentos, 1998.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRITO, Mário da Silva. **Os antecedentes da semana da Arte Moderna**. Rio de Janeiro: 1964.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1968.
- GONÇALVES, Robson Pereira. **O sujeito Pessoa**. Santa Maria: Ed. Mest. Letras/UFSM, 1985.
- Percurso do Aprendiz**. Santa Maria: Ed. Mest. Letras/UFSM, 1987
- (org.) **Subjetividade e Escrita**. Bauru/ Santa Maria: EDUSC/Ed. UFSM, 2000.
- LACAN, Jacques. **O Seminário- Livro II. O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- **Las Formaciones Del Inconsciente**. Buenos Aires. Nueva Visión, 1970.
- MASSAUD, Moisés. **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. São Paulo: Cultrix, 1983.
- MD. MAGNO. **Rosa, Rosae**. Rio de Janeiro: Aoutra, 1985.
- MENDONÇA, Antonio sérgio. **Psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro, Aoutra, 1985.
- MORAES, Vinicius de. **Livro de Sonetos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, S.A., 1967.

NOTA

® Ivana Ferigolo, aluna do 5º semestre do curso de letras- espanhol, Cal- UFSM- desenvolveu este trabalho na disciplina de Literatura e Psicanálise sob a orientação do Pr. Dr. Robson Pereira Gonçalves o qual desempenha suas atividades na UFSM na qualidade de professor efetivo.